



**TRABALHO DE CAMPO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO
DE GEOGRAFIA FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO NO
CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES**

**FIELDWORK AS A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR TEACHING
PHYSICAL GEOGRAPHY: A CASE STUDY IN THE GEOGRAPHY
COURSE AT UNIMONTES**

**EL TRABAJO DE CAMPO COMO PROPUESTA METODOLÓGICA PARA LA
ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA FÍSICA: UN ESTUDIO DE CASO
EN LA CARRERA DE GEOGRAFÍA DE UNIMONTES**

GABRIELA AMORIM DE MACEDO 

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros
(PPGEO/Unimontes), Montes Claros, MG - Brasil.
E-mail: gabrielaamorimdemacedo@gmail.com

NALANDA CECILIA SILVA VASCONCELOS 

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros
(PPGEO/Unimontes), Montes Claros, MG - Brasil.
E-mail: vasconcelosnalanda00@gmail.com

LUANA BARBOSA DURÃES 

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros
(PPGEO/Unimontes), Montes Claros, MG - Brasil.
E-mail: luanabarbosaduraes97@gmail.com

RAHYAN DE CARVALHO ALVES 

Docente do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros
(PPGEO/Unimontes), Montes Claros, MG - Brasil.
E-mail: rahyan.alves@unimontes.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar as contribuições do trabalho de campo para a formação acadêmica dos estudantes de Geografia. Especificamente, pretende-se: (i) descrever a experiência vivenciada pelos acadêmicos do 8º período (2024) do curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) na disciplina de Geografia do Norte de Minas; (ii) discutir os principais resultados obtidos e as aprendizagens alcançadas pelos estudantes; e (iii) refletir sobre as potencialidades do ensino de Geografia por meio do trabalho de campo. Como metodologia apresentou-se revisão bibliográfica, aplicação de recursos iconográficos e relatos de experiências.

Palavras-chave: Geografia. Trabalho de Campo. Ensino. Pesquisa. Unimontes.

ABSTRACT



The aim of this paper is to explore the contributions of fieldwork to the academic training of Geography students. Specifically, the aim is to: (i) describe the experience of 8th period (2024) Geography students at the State University of Montes Claros (Unimontes) in the subject of Geography of Northern Minas Gerais; (ii) discuss the main results obtained and the learning achieved by the students; and (iii) reflect on the potential of teaching Geography through fieldwork. The methodology included a literature review, the use of iconographic resources and experience reports.

Keywords: Geography. Fieldwork. Teaching. Research. Unimontes.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es explorar las contribuciones del trabajo de campo a la formación académica de los estudiantes de Geografía. Específicamente, se pretende: (i) describir la experiencia de estudiantes de Geografía del 8º cuatrimestre (2024) de la Universidad Estadual de Montes Claros (Unimontes) en la asignatura de Geografía del Norte de Minas Gerais; (ii) discutir los principales resultados obtenidos y el aprendizaje alcanzado por los estudiantes; y (iii) reflexionar sobre el potencial de la enseñanza de la Geografía a través del trabajo de campo. La metodología incluyó revisión bibliográfica, utilización de recursos iconográficos y relatos de experiencias.

Palabras clave: Geografía. Trabajo de campo. Enseñanza. Investigación. Unimontes.

INTRODUÇÃO

A Geografia, como disciplina que integra a análise de fenômenos naturais e sociais, desempenha um papel essencial na compreensão e interpretação do espaço geográfico em suas múltiplas dimensões. Ela permite a análise crítica da dinâmica dos territórios, do meio ambiente, das relações sociais e das atividades econômicas. No ensino de Geografia, é fundamental que os conteúdos abordados estejam relacionados com a realidade vivenciada pelos indivíduos, contextualizando o conhecimento em situações concretas do cotidiano (Fuente e Sampaio, 2019). Segundo Callai (2005), a Geografia deve permitir ao aluno compreender o espaço vivido, relacionando os fenômenos locais com os processos globais que moldam o mundo atual.

O trabalho de campo destaca-se como uma das propostas mais eficazes de ensino-aprendizagem na disciplina, pois possibilita aos estudantes o contato direto com os fenômenos geográficos, a aplicação prática dos conceitos teóricos e o desenvolvimento de habilidades metodológicas essenciais, como a coleta e análise de dados, a utilização de técnicas cartográficas, entre outras (Nascimento, 2016).

Para Oliveira (2007) a prática de campo é indispensável, pois permite observar o espaço geográfico em sua complexidade, ampliando a capacidade de análise e síntese do aluno ao confrontar a teoria aprendida em sala com a realidade do terreno. Em consoante a esta ideia, Moreira (2011) aborda que o trabalho de campo é fundamental



para promover a integração entre as diferentes áreas da Geografia, permitindo um olhar mais íntegro e crítico sobre os processos socioespaciais.

A prática de campo é frequentemente ressaltada como uma proposta metodológica que aproxima a teoria da realidade empírica, contribuindo para a formação de um pensamento crítico e analítico entre os estudantes. Segundo Cavalcanti (2008), o trabalho de campo permite que os alunos compreendam de forma mais aprofundada os processos geográficos, enriquecendo a análise espacial e proporcionando uma aprendizagem significativa. Já Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) enfatizam que as atividades de campo são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes, tornando-os capazes de elaborar questionamentos e propor soluções para os problemas espaciais identificados.

Dessa maneira, para Santos (2006), o trabalho de campo deve ser visto como um processo de leitura crítica da paisagem, do homem e das suas relações, possibilitando a identificação das contradições inerentes à produção do espaço. É por meio dessa análise direta do território que se revela a complexidade das interações entre os elementos naturais e sociais, permitindo uma interpretação mais aprofundada da realidade geográfica.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é explorar as contribuições do trabalho de campo para a formação acadêmica dos estudantes de Geografia. Especificamente, pretende-se: (i) descrever a experiência vivenciada pelos acadêmicos do 8º período do curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) na disciplina de Geografia do Norte de Minas; (ii) discutir os principais resultados obtidos e as aprendizagens alcançadas pelos estudantes; e (iii) refletir sobre as potencialidades do ensino de Geografia por meio do trabalho de campo.

Este trabalho configura-se como um estudo de caso, centrado no trabalho de campo realizado com a turma do 8º período do curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, na disciplina de Geografia do Norte de Minas, no primeiro semestre de 2024. A atividade possibilitou uma integração prática entre teoria e campo, promovendo a aquisição de conhecimentos aplicados sobre a região do Norte de Minas e suas especificidades geográficas.

Durante o campo, os estudantes puderam observar diretamente aspectos como a distribuição espacial de atividades econômicas, os padrões de ocupação do solo e os desafios ambientais característicos da região. Essa imersão permitiu a aplicação prática



de ferramentas geográficas, conforme discutido por Alentehano e Rocha-Leão (2006), auxiliando os alunos a lidar com problemas concretos na utilização de instrumentos técnicos e metodológicos, como o geoprocessamento e a análise cartográfica.

Os resultados obtidos foram altamente significativos para o desenvolvimento acadêmico da turma, destacando-se a capacidade de identificação de padrões territoriais e de problemas urbanos e ambientais regionais. Além disso, o estudo permitiu uma compreensão mais crítica e contextualizada das dinâmicas geográficas locais, reforçando a importância da interdisciplinaridade e da prática de campo na formação em Geografia.

Este estudo foi estruturado em cinco momentos: Introdução, Metodologia, Embasamento Teórico, Resultados e Discussões e Considerações Finais.

A próxima seção tratará da metodologia adotada nesta pesquisa.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2006), é o tipo de pesquisa que adota uma perspectiva interpretativa da realidade, o que implica que os pesquisadores investigam os fenômenos em seus contextos naturais, buscando compreender esses eventos a partir dos significados atribuídos pelas pessoas. Quanto aos objetivos metodológicos deste estudo, estes são descritivos e exploratórios.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente para fornecer uma base sólida e contextualizar o estudo dentro do campo da Geografia. Obras como Justen (2010) e Fuente e Sampaio (2019) trazem observações relevantes sobre a importância do trabalho de campo; já obras como Dummer *et al.* (2008), Couto (2012) e Borges (2018) abordam a relevância do trabalho de campo na perspectiva do ensino da ciência geográfica. Além disso, é utilizado embasamento nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para respaldar o trabalho de campo dentro do ensino na educação básica. Esta fase de levantamento bibliográfico é muito relevante para a construção do referencial teórico da pesquisa, oferecendo a base conceitual e metodológica que orienta o estudo.

Também foi utilizado o *software* de geoprocessamento QGIS na versão 3.22.15 para a elaboração de um mapa de localização do município de Grão Mogol em Minas Gerais, onde foi realizado o trabalho de campo. Essa técnica, que possibilita a

combinação de diversas fontes e formatos para gerar mapas e modelos digitais, facilitando a tomada de decisões fundamentadas em questões espaciais (Moura, 2014), foi muito relevante para a espacialização do município onde ocorreu o trabalho de campo.

Posteriormente, foram conduzidas análises qualitativas da experiência adquirida no trabalho de campo em Grão Mogol com duas estudantes do 8º período de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), para a construção do relato de experiência. Nesta fase, o objetivo foi compreender como a metodologia do trabalho de campo impactou no aprendizado do estudante, especificamente aplicando ao ensino de Geografia Física.

O próximo tópico tratará do embasamento teórico deste estudo.

EMBASAMENTO TEÓRICO

As estratégias de ensino práticas, a partir dos recursos de que se dispõem, podem superar as dificuldades no ensino-aprendizagem, propiciando uma prática pedagógica em que os alunos não mais são vistos como sujeitos passivos, os alunos são ativos porque são os sujeitos do processo de aprendizagem. Sua atividade mental ou física é fundamental para a relação ativa com os objetos do conhecimento, ao passo que o professor também é ativo, porque é ele quem faz a mediação dos alunos com aqueles objetos (Cavalcanti, 1998).

O professor de Geografia tem a necessidade de refletir em suas práticas para, a partir delas, buscar meios que possam aumentar a interação de estudantes com as diferentes categorias de análise do espaço geográfico, assim como os diferentes conceitos abordados por essa ciência. Isso ocorre, pois ensinar vai além de transmitir informações aos alunos; trata-se de inspirar o interesse do aluno por um assunto (Kraków, 2012). A utilização do Trabalho de Campo no ensino de Geografia parte desse pressuposto, uma vez que é válido para o estudante que ele saia do ambiente da escola para alcançar a aprendizagem em diversos meios, como a experiência, ativa e reflexiva (Demme et al. 2008).

Os trabalhos de amplo são heranças do fazer da Geografia Clássica, que estuda as relações entre o mundo da natureza e aquele das sociedades humanas. Como destaca Clava (2013), com o advento da Geografia moderna (século XIX), passou-se a valorizar a experiência direta do pesquisador e, assim, a contrapor uma Geografia mais



antiga sustentada, essencialmente, nos arquivos de viagem e dos documentos deles provenientes (mapas, entre outros). Parte essencial do que constitui o corpo teórico da Geografia Clássica e suas respectivas inovações advêm da apreensão direta do mundo propiciada pelos trabalhos de campo. Destaca-se a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia, enfatizando como essa prática pedagógica essencial contribui para a formação integral dos estudantes.

Segundo Justem (2010), essas atividades, quando aliadas a uma abordagem crítica e ao engajamento do professor no processo de aprendizado, têm o potencial de facilitar a compreensão de conceitos científicos, além de promover o desenvolvimento de habilidades, atitudes e capacidades essenciais. Atualmente, a prática do trabalho de campo é de suma importância nas diretrizes educacionais, conforme os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reforçam a valorização de atividades que priorizam a vivência como meio para possibilitar a aprendizagem significativa.

Dentre as habilidades destacadas, podemos mencionar a capacidade de análise crítica do espaço geográfico e a de realizar observações sistemáticas, fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade. Como mencionando, por exemplo, na BNCC, a saber:

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos (BRASIL, 2018, p. 384).

(EF07GE12) Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). (BRASIL, 2018, p. 386).

De acordo com Oliveira e dos Santos (2021), para que tais habilidades sejam desenvolvidas, é imprescindível a observação e leitura da paisagem, traduzidas na prática do trabalho de campo. Essa atividade pode ocorrer tanto nas proximidades da unidade escolar quanto em localidades mais afastadas, visando atingir os objetivos traçados.

O problema, portanto, reside na forma como os conteúdos são apresentados aos estudantes, frequentemente de maneira descontextualizada, o que marginaliza o processo de ensino (Cavalcanti, 1998). O trabalho de campo se destaca como uma metodologia que oferece aos alunos a oportunidade de vivenciar diretamente as dinâmicas espaciais e os processos socioambientais. Além disso, essa experiência

prática favorece a interação dos estudantes com a comunidade, possibilitando a compreensão das realidades socioeconômicas e culturais que moldam o território estudado. Contudo, a realização do trabalho de campo exige habilidades e experiência avançadas por parte do professor.

Justem (2010) enfatiza que o trabalho de campo deve ser planejado em uma proposta pedagógica viável, levando em consideração a realidade e as condições dos alunos, bem como a responsabilidade profissional necessária para garantir a eficácia da atividade. As possibilidades do trabalho de campo são diversas, e a definição clara dos objetivos é crucial, tornando o planejamento pré-campo uma etapa essencial. Quando bem organizado, o trabalho de campo deve funcionar como uma metodologia de ensino; caso contrário, seu valor pedagógico pode ser comprometido. O contexto empírico, por si só, não deve ser considerado superior; é fundamental haver uma articulação com a teoria para garantir a eficácia do aprendizado (Fuente e Sampaio, 2019).

Frequentemente, o estudo do espaço geográfico é dividido em Geografia Física, associada às condições naturais do ambiente, e Geografia Humana, relacionada às características sociais. No entanto, entendemos que o espaço geográfico abrange ambas as dimensões da Geografia. Nesse sentido, a Geografia Física Crítica (GFC) se alinha a um pensamento integrador (Lave et al., 2019), capaz de abordar as diversidades que encontramos no mundo. Couto (2012) destaca que, para a construção dos conceitos cotidianos e científicos referentes ao relevo, rede hidrográfica, impactos ambientais e bacia hidrográfica, o uso do trabalho de campo como proposta metodológica contribui para uma aprendizagem fundamentada na construção de conceitos.

Dessa forma, a proposta metodológica do trabalho de campo deve ser elaborada em conjunto com os alunos e associada a outros procedimentos metodológicos, ressaltando os problemas urbanos e ambientais. Isso possibilita não apenas a mobilização de conhecimentos geográficos, mas também a internalização de conceitos, integrando os componentes físico-naturais e sociais (Borges, 2018).

Apresentado o embasamento teórico da pesquisa, a próxima seção se destinará aos resultados e discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

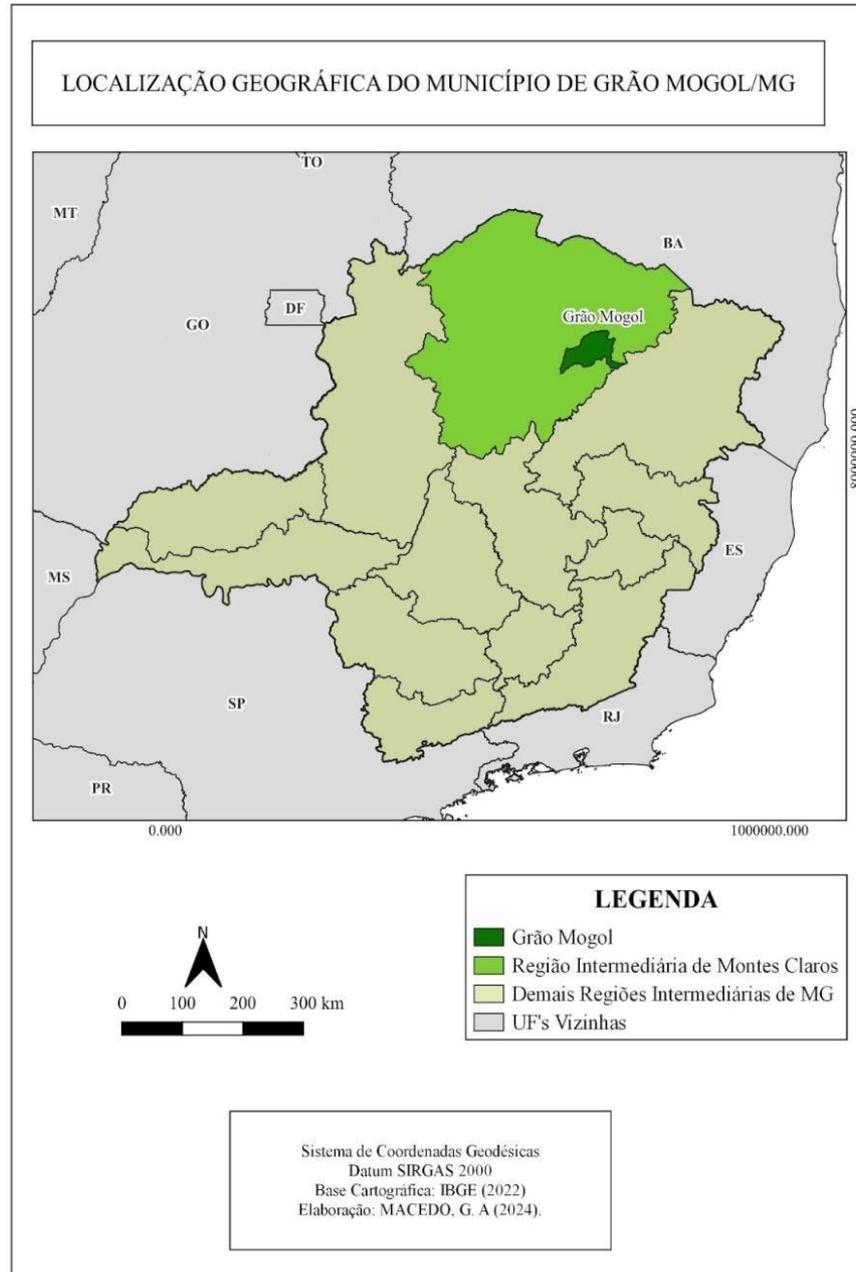
Um exemplo concreto que evidencia a relevância do trabalho de campo é o estudo realizado pelos acadêmicos do 8º período do curso de Licenciatura em Geografia

da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) no município de Grão Mogol–MG (Fig. 1).

O pré-campo, momento de organização da atividade, foi composto principalmente por um planejamento logístico; neste momento foi esquematizado o itinerário a ser percorrido durante o deslocamento e na chegada ao município, cronograma do campo e transporte para a viagem.

O trabalho de campo ocorreu em 20 de abril de 2024, no âmbito da disciplina de Geografia do Norte de Minas, ministrada pelo docente Me. Manoel Reinaldo Leite, do Departamento de Geociências da Unimontes. Os acadêmicos do curso de Geografia percorreram os quase 150 quilômetros de distância de Montes Claros a Grão Mogol pela manhã e permaneceram no município até o fim da tarde, transitando por diversos locais na área urbana e rural do município. A figura abaixo mostra a localização do município de Grão Mogol–MG.

Figura 01. Localização do município de Grão Mogol/MG



Fonte: IBGE (2022); Org.: Os autores (2024).

Grão Mogol está localizado na Região Geográfica Intermediária e Imediata de Montes Claros, na mesorregião norte de Minas. Grão Mogol está a 550 km de Belo Horizonte; O acesso começa pela BR-040, até o trevo de São João da Lagoa. Em seguida, segue-se pela BR-135 em direção a Paraopeba, passando por Curvelo, Buenópolis e Bocaiúva, até alcançar Montes Claros. A partir de Montes Claros, toma-se a BR-251 em direção a Salinas, e, após 77 km, chega-se a um trevo, onde se deve virar à direita na MG-307, que leva à estrada para a cidade de Grão Mogol.



O povoado Serra de Santo Antônio do Itacambiraçu, atual Grão Mogol, com sede nas coordenadas geográficas 16°56'S e 42°89'W teve sua origem relacionada à descoberta de diamantes no final do século XVIII. Em 1840, o arraial foi elevado à condição de Vila Provincial e, no mesmo ano, convertido em distrito. Já em 1858, Grão Mogol foi promovida à categoria de cidade. O local se destacou como um importante centro comercial de minerais preciosos no Norte de Minas até 1960, quando a exploração de diamantes entrou em declínio. (Fonseca e Lessa, 2010). Atualmente, com uma população residente de 13.901 pessoas (IBGE, 2023), é um município turístico, com atrações como vinícolas e construções históricas (igrejas e casarões) e o Parque Estadual de Grão Mogol.

A Serra do Espinhaço, que atravessa o município de Grão Mogol, data do Proterozóico Médio, com testemunhos de superfícies de aplainamento que truncaram estruturas dobradas e falhadas. A região é acidentada devido à resistência variada de rochas como quartzitos, itabiritos, dolomitos e filitos, enriquecida por rochas eruptivas metamorfizadas. O relevo resulta da dissecação fluvial de superfícies aplainadas Terciárias e Pré-Terciárias, formando, planaltos limitados por escarpamentos ou vertentes íngremes. (Queiroz *et al.* 2014).

Veloso e Leite (2013) classificam geomorfologicamente o município:

Geomorfologicamente, a microrregião de Grão Mogol, pertence à Bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, ou seja, Bacias do Atlântico Leste. As principais formas de relevo correspondem a Serra Geral, conhecida na localidade como Serra da Bocaina, e as chapadas que podem ser individualizadas Chapada do Bosque, Chapada do Bosquinho e Chapada do Cardoso. (Veloso e Leite, 2013, p. 16).

A vegetação predominante é composta principalmente da caatinga, com áreas de campo rupestre nas regiões de afloramento rochoso, misturadas aos litossolos na porção centro-oeste. A nordeste do município, encontram-se campos de cerrado; esses campos, formam um conjunto de arbustos com a mesma composição dos cerradões, mas sem encobrir a superfície dos solos pobres que os sustentam ecologicamente. A vegetação rasteira e de pequeno porte inclui espécies como canelas de emas, campos de sempre-viva, bromélias e cactáceas, além de veredas isoladas com buritis. (Fonseca e Lessa, 2010; Ab'saber, 2005)

As condições climáticas na região apresentam grande variabilidade em função da relevância da região. O clima, que se classifica de subúmido a semi-árido, oscila

entre quente (nas altitudes abaixo de 900 m) e subquente (acima dessa altitude), sempre com invernos amenos e verões prolongados, que vão de setembro a março. A precipitação é levemente sazonal, com uma estação chuvosa no verão e um período seco de cinco meses, de maio a setembro. O total médio de precipitação anual é de 1.182 mm, sendo que 80% das chuvas ocorreram entre outubro e março. A temperatura média registrada é de 21,5 °C. (MME, 2005).

No âmbito pedológico, os solos da região apresentam grande variabilidade devido à diversidade dos materiais de origem e aos diferentes processos de intemperismo aos quais foram submetidos. Em Grão Mogol e proximidades são identificadas cinco classes principais de solos: Latossolo Vermelho, Latossolo Vermelho-Amarelo, Argissolo Vermelho, Cambissolo Háptico e Neossolo Litólico. (EMBRAPA e IBGE, 2001).

A Serra do Espinhaço forma uma longa faixa linear que se estende de sul a norte, começando na parte central de Minas Gerais e se prolongando ao norte até a área de fronteira entre Bahia e Piauí. Nesse contexto, são identificados diferentes domínios geográficos e geotectônicos, denominados: Espinhaço Meridional–MG, Espinhaço Central–MG/BA, Espinhaço Setentrional–BA/PI e Chapada Diamantina–BA. (Chaves *et al.* 2013).

Grão Mogol tem um papel histórico significativo no cenário mundial, pois foi o primeiro lugar onde se extraiu diamantes a partir da desmontagem de uma rocha, conhecida como Pedra Rica, em torno de 1827. Antes desse acontecimento, todos os diamantes eram obtidos exclusivamente de depósitos aluvionares. (Chaves, Benitez e Andrade, 2006).

Nesta atividade, os estudantes tiveram a oportunidade de explorar a região estudada, destacando e analisando suas características físicas, além de conhecerem a história local de maneira dinâmica. Durante esse trabalho de campo, foi observado e dialogado como a Mesorregião Norte de Minas é complexa e diversa, muitas vezes retratada com atributos desérticos em razão das características climáticas e vegetacionais, com o exemplo de Grão Mogol percebe-se que a realidade é bem diferente. Esse envolvimento direto com o ambiente e o contexto histórico proporcionou uma compreensão mais profunda e concreta dos conteúdos teóricos abordados em sala de aula.



Desde o trajeto percorrido pela rodovia BR-251, que conecta Montes Claros a Grão Mogol, foi permitida uma rica observação da dinâmica geográfica da região, caracterizada por uma transição climática e geomorfológica notável. Durante a viagem, os ventos intensificam-se, e o terreno, que se apresenta inicialmente plano, gradualmente cede lugar a grandes elevações, criando uma paisagem deslumbrante, digna de análise por qualquer geógrafo. Essa transição é fundamental para compreender as interações entre os elementos naturais e a ocupação humana na área.

Além disso, uma diversidade de formações vegetais acompanha a transição da relevância, compondo um mosaico de ecossistemas adaptados às condições específicas de solo e altitude, que refletem uma interação complexa entre os fatores climáticos e geomorfológicos. Essa diversidade evidencia a influência da relevância no microclima e na distribuição das espécies vegetais, uma ocorrência observada em várias áreas da Serra do Espinhaço. Como ressalta Ab'Sáber (2005), as paisagens brasileiras são o resultado de uma complexa integração entre clima, relevo e vegetação, cuja dinâmica é fundamental para entender as variações espaciais e ambientais de cada região.

Durante o campo, diversos locais foram visitados, como a Igreja Matriz de Santo Antônio, tombada como patrimônio de Minas Gerais (Decreto n. 011/1997), que atualmente está em processo de restauração. No núcleo urbano foram visitados também o Centro Histórico, onde a arquitetura de época demonstra a riqueza histórica do município. Foi visitado ainda a trilha do Ribeirão do Inferno, que leva a Lapa da Água Fria e ainda a Praia do Vau, na zona rural do município, localizada nas margens Rio Itacambirucu, com uma paisagem linda, porém perigosa.

A montagem apresentada na Figura 2 revela uma sequência de imagens capturadas no município, destacando os patrimônios naturais, como a beleza cênica da Serra do Espinhaço, com suas impressionantes formações rochosas e paisagens montanhosas. Além disso, os registros ressaltam a herança cultural do Grão Mogol, visíveis nas construções históricas que compõem o centro da cidade e que refletem a arquitetura típica do período da mineração de diamantes.

Figura 2. Registros do Campo em Grão Mogol



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2024).

Complementando essa análise, a montagem apresentada revela uma sequência de imagens capturadas no município, destacando os patrimônios naturais e culturais da região. As imagens A demonstra as características do rio Ribeirão do Inferno, incluindo sua formação rochosa e o impacto da ação fluvial, além de evidenciar a importância ambiental e econômica desse curso d'água que atravessa a cidade. A imagem B expressa a já supracitada Praia do Vau, localizada na zona rural do município, divisa com Cristália-MG, local oferece cenários encantadores formados pelo Rio Itacambiraçu, que criam piscinas naturais, areias claras e rochas milenares que se estendem por toda a região, compondo uma paisagem singular. A imagem C retrata a Lapa da Água Fria, um ponto de referência local, que se encontra após uma leve trilha até a gruta. Já a imagem D apresenta a icônica Igreja Matriz de Santo Antônio, tombada como patrimônio do Estado, construída por escravizados, simbolizando a rica herança cultural e histórica de Grão Mogol. Essas representações visuais reforçam a conexão entre a geografia física e



a cultural, evidenciando como os elementos naturais influenciam a identidade e a história da comunidade local.

A relevância histórica, cultural, física e ambiental do Grão Mogol é inegável, consolidando o município como um ponto de interesse significativo para os estudos geográficos, pois oferece uma oportunidade única de analisar a interação entre a geologia peculiar da Serra do Espinhaço, os processos históricos de ocupação e mineração, e a preservação de ecossistemas específicos. Essa riqueza de elementos permite que os pesquisadores compreendam melhor a dinâmica socioespacial da região, bem como os desafios para o crescimento equilibrado e a conservação ambiental em áreas de importância.

Como avaliação na atividade, o docente ministrante da disciplina considerou a participação, engajamento e a realização de um relatório de campo completo descrevendo a atividade e as possibilidades a partir daquele panorama.

A atividade prática permitiu identificar pontos cruciais que demonstram a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia. Primeiramente, a observação direta dos fenômenos naturais e sociais específicos da região proporcionou aos estudantes uma compreensão aprofundada de conceitos como relevo, clima e dinâmicas sociais, facilitando a aplicação do conhecimento teórico e tornando-o mais concreto e significativo. A utilização de ferramentas geográficas, como mapas e registros de campo, também foram essenciais para o desenvolvimento de habilidades técnicas que auxiliam na análise e interpretação espacial, aspectos fundamentais para a formação geográfica. Além disso, essa vivência incentivou o pensamento crítico ao estimular a reflexão sobre as interações entre sociedade e natureza, promovendo a conscientização socioambiental e despertando o senso de responsabilidade em relação ao meio ambiente.

Esses elementos destacam o valor do trabalho de campo como metodologia ativa, que possibilita a superação de abordagens tradicionais focadas em exercícios de memorização. Quando aplicados à educação básica, esses métodos contribuem para tornar o aprendizado mais dinâmico e relevante, pois aproximam os estudantes da realidade e incentivam o desenvolvimento de competências analíticas e práticas. A integração entre teoria e prática torna o ensino de Geografia mais contextualizado e próximo da vivência dos alunos, promovendo uma formação mais crítica e completa



que responde às necessidades educacionais da sociedade atual e prepara os estudantes para compreender e atuar de maneira consciente e responsável.

Posto isto, a próxima seção aborda as considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho reforçou a importância do uso do trabalho de campo como uma proposta metodológica eficaz no ensino de Geografia Física, destacando sua contribuição para o desenvolvimento de habilidades críticas e metodológicas dos estudantes.

O trabalho de campo, como proposta pedagógica no ensino de Geografia, revela-se de grande valia para a formação integral dos estudantes. A atividade prática realizada pelos acadêmicos do 8º período da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) no município de Grão Mogol–MG destacou-se como um exemplo concreto dos benefícios dessa metodologia, demonstrando como a integração entre teoria e prática pode enriquecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

A experiência vivida em Grão Mogol demonstrou que essa prática não apenas aprofunda a compreensão dos fenômenos geográficos e ambientais, mas também aproxima os alunos da realidade local, permitindo uma análise mais rica e contextualizada do território estudado. Os resultados evidenciam que o contato direto com o ambiente natural e social favorece a assimilação dos conteúdos teóricos, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e significativo.

Portanto, a atividade realizada em Grão Mogol cumpriu seu objetivo ao proporcionar aos alunos uma experiência enriquecedora, que os capacitou a lidar com as complexidades do território e a refletir criticamente sobre os desafios geográficos da região. Acredita-se que a inserção de mais atividades de campo no currículo acadêmico possa contribuir de forma significativa para a formação de profissionais mais preparados e conscientes das questões socioambientais, fortalecendo o papel da Geografia como ciência integradora.

REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, A. *Os Domínios de Natureza no Brasil – Potencialidades Paisagísticas*. 3ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.



ALENTEHANO, P. R. R. ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 84, p. 51-67, 2006.

ANDRADE, D. S. R.; LESSA, S. N. Um breve diagnóstico ambiental do Parque Estadual de Grão Mogol–MG e seu contexto espacial. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 260 - 274, set. 2010.

BORGES, M. T. C. *A construção de conceitos no ensino de Geografia por meio do trabalho de campo em bacia hidrográfica*. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular- BNCC*, Brasília–DF: MEC, 2018. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_s ite.pdf. Acesso em 17 de setembro de 2024.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia e práticas de ensino*. Campinas: Papirus, 2008.

CALLAI, H. C. O ensino da Geografia e a realidade local. *Terra Livre*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 107-117, 2005.

CHAVES, M. L. S. C; BENITEZ, L; ANDRADE, K. W. Morro da Pedra Rica, Grão Mogol–MG: Primeira Jazida de Diamantes Minerada em Rocha no Mundo. In: Manfred Winge; Carlos Schobbenhaus (orgs). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Brasília: SIGEP, v. 2, p. 1-10, 2006.

CHAVES, M. L. S. C. *et al.* Idades U-Pb em zircão do conglomerado diamantífero de Grão Mogol (Supergrupo Espinhaço): implicações para a origem dos diamantes da Serra do Espinhaço em Minas Gerais. *Brazilian Journal of Geology*, n. 43, v. 1, p. 139-151, mar. 2013.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. *Confins*, Paris, n. 17, 16 mar. 2013.

COUTO, M. A. C. Pensar por conceitos geográficos. In: CASTELLAR, S. M. V. (Org.). *Educação Geográfica: teorias e práticas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-96.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DUMMER T. *et al.* Promoting and assessing ‘deep learning’ in geography fieldwork: an evaluation of reflective field diaries. In: *Journal of Geography in Higher Education*. London (UK), 32, 459–79, 2008.



EMBRAPA e IBGE. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa de solos do Brasil*. 2001. Disponível em: <http://mapas.mma.gov.br/geonetwork/srv/br/metadata.show?id=415>. Acesso em 01 de Out de 2024.

FONSECA, D. S. R.; LESSA, S. N. Um breve diagnóstico ambiental do Parque Estadual de Grão Mogol (MG) e seu contexto espacial. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 260-274, set. 2010.

FUENTE, M. A. L.; SAMPAIO, L. O ensino de Geografia e a realidade social. *Revista de Geografia e Educação*, v. 8, n. 2, p. 145-162, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JUSTEN, R. *Trabalhos de Campo na disciplina Geografia: Um olhar sobre a educação básica em Pontra Grossa (PB)*, 2010, 113 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Ciências da Terra. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

KRAKOWKA, A. R. Field trips as valuable learning experiences in geography courses. *In: Journal of Geography*. London (UK), 111(6), 236-244, 2012.

LAVE, Rebecca; WILSON, Matthew W.; BARRON, Elizabeth S. Intervenção: Geografia Física Crítica/Intervention: Critical Physical Geography. *Espaço Aberto*, v. 9, n. 1, p. 77-94, 2019.

MINAS GERAIS. Decreto n.º 011, de 25 de junho de 1997. *Tomba a Igreja Matriz de Santo Antônio, localizada em Grão Mogol*. Minas Gerais: Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, 1997.

MME, Ministério de Minas e Energia. *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea - Vale do Jequitinhonha: Diagnóstico do Município de Grão Mogol-MG*. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. 22 Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Energético. Ministério de Minas e Energia, 2005.

MOREIRA, R. *O método em Geografia: Práticas de pesquisa e ensino*. São Paulo: Hucitec, 2011.

MOURA, A. C. M. *Geoprocessamento na gestão e no planejamento urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2014.

NASCIMENTO, P. F. O. *A contribuição do trabalho de campo como facilitador do processo de ensino-aprendizagem da Geografia*, 2016, 83 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Tocantins, Porto Nacional, 2016.

OLIVEIRA, A. U. Ensino de Geografia e trabalho de campo: contribuições para a formação crítica do estudante. *Geographia*, Niterói, v. 9, n. 17, p. 45-58, 2007.



OLIVEIRA, Janete Regina; DOS SANTOS, Larissa Galvão Fontes dos. Saberes e fazeres: o trabalho de campo como prática pedagógica em geografia. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 21, n. 1, p. 207-223, jan./jun. 2021. ISSN 2236-5176.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. *Para ensinar e aprender Geografia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

QUEIROZ, J. C. R. *et al.* Caracterização Geográfica da região de Grão Mogol. In: VIII Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, 8., 2014, Montes Claros: *Anais [...]*. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2014, p. 1. Disponível em: <http://www.fepeg2014.unimontes.br/?q=printpdf/node/20900>. Acesso em: 22 de Jul de 2024.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

VELOSO, G. A.; LEITE, M. E. A Dinâmica Espaço-Temporal das Florestas Plantadas na Microrregião de Grão-Mogol. *Revista Cerrados*, Montes Claros, v. 11, n. 1, p. 13-21, 2013.



eISSN 2594-9810

Revista Ciranda (DEPE-UNIMONTES)

DOI:10.46551/259498102025014

■ Recebido em: 04/02/2025

■ Aceito em: 08/04/2025

■ Publicado em: 30/04/2025